

## NÃO DESLIGUEM OS CELULARES, A AULA JÁ COMEÇOU

### DO NOT TURN OFF THE CELL PHONES, THE CLASS HAS ALREADY BEGUN

Wellington Menegaz de Paula<sup>1</sup>

#### Resumo

É possível assimilar o celular durante uma aula de teatro e termos uma experiência artística? Este artigo analisa possíveis relações entre ensino do teatro e internet, mais especificamente a que está presente em dispositivos móveis de comunicação - os celulares. Tem como objetivo pensar a internet e a utilização de celulares, enquanto realidade presente no cotidiano de muitos adolescentes e jovens e refletir sobre o papel dos celulares na atualidade. O conceito “nativos digitais” elaborado pelo pesquisador Marc Prensky no artigo *Digital Natives, Digital Immigrants* (2001), é utilizado nesse estudo através de paralelos com o ensino do teatro. A análise está embasada nas contribuições que os pesquisadores David Cameron e John Carrol trouxeram para esse campo de investigação, em especial um estudo de caso descrito no artigo *Drama, digital pre-text and social media* (2009).

Palavras-chaves: Ensino, adolescente, internet.

#### Resumen

¿Es posible incorporar el teléfono móvil a una clase de teatro y tener una experiencia artística? Este artículo examina las posibles relaciones entre la enseñanza del teatro e internet, especialmente la que está disponible en los dispositivos móviles de comunicación – los teléfonos móviles. Tiene como objetivo pensar sobre internet y la utilización de los teléfonos móviles, siendo una realidad en el día a día de muchos jóvenes y adolescentes y reflexionar sobre su papel en la actualidad. El concepto de "nativos digitales" introducido por Marc Prensky en el artículo *Digital Natives, Digital Immigrants* (2001), es utilizado en ese estudio mediante comparativas con la enseñanza del teatro. El análisis está basado en las contribuciones que los investigadores David Cameron y John Carroll llevaron a ese campo de investigación, y en concreto el estudio de un caso descrito en el artículo *Drama, digital pre-text and social media* (2009).

Palabras clave: Enseñanza, adolescente, internet.

#### Abstract

Is it possible to incorporate the cell phone during a drama class and have and have an artistic experience? This article examines possible relationships between theater teaching and internet, specifically those presente in mobile communication devices – cellphones. The main goal is to relate the internet and the use of the cell phones in the daily use among adolescents and young. Another goal is to develop a critical opinion about the cell phones' role nowadays. The concept of “Digital natives”, elaborated by the researcher Marc Prensky in the article *Digital Natives, Digital Immigrants* (2001), is used in this study through parallel with the theater school. The analysis is based on the contribution that the researchers David Cameron and John Carrol brought to this Field of research, especially a case study described in the article *Drama, digital pre-text and social media* (2009).

---

<sup>1</sup>Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC, doutorado. Pesquisa em andamento. Orientador Prof. Dr. Flávio Desgranges. CAPES e PROMOP. Docente da Universidade Federal de Uberlândia.

Keywords: education, adolescent, internet.

### **Link 1 - O lastro de água**

Um amigo que trabalha em um porto, ensinou-me que os barcos precisam de um lastro de água para navegar. Eles enchem o casco com água para afundarem, cerca de três metros, e assim, conseguem fazer a travessia. Quando estão chegando próximo do destino, precisam eliminar essa água, para emergir partes do barco para atracarem no porto. Achei essa história interessante e pensei, talvez seja esse o momento do pesquisador. Primeiro encher o navio com água, o conhecimento – as teorias e práticas. Logo em seguida a navegação, a vivência da pesquisa, a travessia. E depois, voltar toda essa água para o mar, fase da escrita. E é isso que pretendo fazer nessas breves palavras, voltar para o mar um pouco do lastro de água dessa embarcação.

### **Link 2– A pesquisa**

Esse ensaio traz reflexões oriundas do doutorado que desenvolvo junto ao Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Flávio Desgranges, pesquisa essa intitulada *Drama e Ciberespaço: estratégias fronteiriças para o ensino do teatro*. O desafio desse estudo é que sendo o *ciberespaço* uma realidade consolidada para a maioria dos adolescentes e jovens, a incorporação de aspectos do “mundo” virtual poderia ser possibilidade rica de diálogo com o contexto cultural deles. Então, quais os desafios e possibilidades de sua incorporação? Quais fatores poderiam justificar a estruturação de uma proposta de pesquisa, que pretende investigar a relação de dois campos de conhecimentos distintos – teatro e internet – dentro de um contexto educacional?

### **Link 3 – Sobre a “navegação”: tecnologias multimídias e ensino**

“Navegar”, palavra cheia de sentidos para essa pesquisa. Olhares para os navegantes virtuais, em especial para os jovens navegantes - “os nativos digitais” (Prensky, 2001), que estabelecem conexões *online* através de dispositivos móveis, os celulares, e computadores pessoais. Com o intuito de comunicar com amigos e colegas que fazem parte do seu cotidiano cultural e social, os jovens postam materiais audiovisuais, frases de autoria própria ou de terceiros, que (em

alguns casos) dizem sobre a forma como pensam o mundo naquele momento, transitando entre o desnudamento do ser e a superficialidade de questões que estão “na moda” nas redes sociais.

“Relações” – Escola e Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC). Durante alguns anos o assunto ensino do teatro voltado para adolescentes e jovens vem tomando o foco de minhas investigações. Interesse esse que se deu há mais de uma década, quando comecei ministrar aulas de teatro na educação básica para esse público específico. Sempre questionei minha prática, pensando em formas de diálogo efetivo com questões culturais dos educandos. Antes de começar essa investigação refletia sobre como o ensino do teatro, que é ministrado em escolas públicas de ensino fundamental e médio, pode dialogar com adolescentes na contemporaneidade. Na observação dos elementos culturais que fazem parte do contexto juvenil, passei a me ater em um especificamente, a internet. Quais os sentidos para as novas gerações do ato de postar vídeos no *youtube*, compartilhar fotos, digitar mensagens no *facebook*, ou criar *blogs*? O que faz com que o ambiente virtual seja tão atrativo?

Nesse trajeto enquanto pesquisador me vejo como um “jangadeiro”, um “marinheiro”, que sempre retorna em diversos “portos”, alguns sendo o meu “berço”. Para quem não sabe essa é uma das denominações do local em que os navios atracam. Um dos “berços do porto”, talvez o que mais me atrai, é a escola pública. Meu porto, nem sempre seguro.

A navegação tem riscos, por vezes incerta e turbulenta. O porto, que espera o marinheiro é agitado, com entradas e saídas. Pessoas que vão e vem. Caminhões. Informações. Diversas embarcações. Tripulações distintas. Ele recebe pessoas que transitam no *limiar* das fronteiras. Contradições - as fronteiras do porto e a diluição delas pelos navegantes.

O porto - escola pública de educação básica - com seus muros, regras, “disciplinas” e horários, recebe os marinheiros, “nativos digitais”, que se conectam em vários portos ao mesmo tempo. Contradição - durante algumas horas da semana, eles “precisam” fixar suas embarcações em um local cercado de delimitações. Possibilidades e desafios para o educador - “imigrante digital”.

Pensar em formas de articular ensino do teatro, com recursos tecnológicos disponíveis na internet, é pensar em possibilidades de ensino, que vão além da dicotomia ensino presencial *versus* ensino a distância. Uma vez que certos padrões dicotômicos de pensar a sociedade e as relações produzidas por ela vêm sendo aos poucos questionados, conforme aponta Lúcia Santaella: “a relativização, disseminação e descentralização pós-modernas vêm nos obrigando a revisar as categorias dicotômicas e não raramente maniqueístas [...] que costumavam sustentar e guiar as análises de comunicação e da cultura” (SANTAELLA, 2003, p. 64).

Além dos desafios de superar a dicotomia, presencial e não presencial, percebo que ainda há pouco aproveitamento na articulação da educação básica e pública com as novas tecnologias que se configuram no *ciberespaço*.

Até duas décadas, a existência de computadores nas escolas de educação básica, e sua utilização no processo educacional, era algo distante de concretizar na prática educativa. Hoje, o computador e os celulares conectados a internet, são ferramentas presentes no cotidiano de várias instituições de ensino brasileiras. Quem tem acesso a escolas públicas ou privadas de ensino fundamental e médio, pode perceber nas trocas de turnos ou nos recreios, adolescentes e jovens utilizando aparelhos celulares.

Porém muitos são os desafios para os profissionais que queiram assumir propostas de ensino articuladas com as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Entre esses desafios destaco a superação do entendimento da internet enquanto um “depósito” de informações a serem pesquisadas, para uma abordagem que percebe a mesma com um processo de criação e comunicação. Sobre esse aspecto, me reporto ao pensamento da educadora Maria Aparecida Pereira Viana:

*A Internet, infelizmente, é vista ainda por muitos professores apenas como fonte de pesquisa, mas hoje ela nos oferece muitas alternativas de caminhos para a educação: os chat de comunicação, fórum, a web-education e ambientes onde podemos, não apenas buscar informações, mas compartilhar e produzir novos conhecimentos. (VIANA, 2004, p. 32).*

Considero que um dos motivos da não assimilação da internet enquanto processo pedagógico de criação se relaciona com questões geracionais. O primeiro contato de vários profissionais da educação com a internet se deu na fase adulta ou na juventude. Se pensarmos os professores como sujeitos com mais de trinta anos, estaremos nos referindo a profissionais que viram o surgimento e o *boom* da internet na década de 90. Tivemos, e aqui me coloco também na condição de educador, que nos adaptar a esse mundo digital e informatizado, usando um termo do pesquisador Marc Prensky (2001), como verdadeiros “imigrantes digitais”.

O diálogo de jovens e professores é em geral divergente cada um com as suas pretensões. Os professores estão preocupados em apresentar as atividades escolares e os jovens estão ligados a um ambiente de convergência entre a matéria de sala de aula e os conteúdos apresentados no seu dispositivo móvel (música da moda, toque moderno, mensagem surpresa, torpedo publicitário de uma festa, entre outras informações) e ao sair da escola, se conectar ao computador de sua residência ou em lan-house. Deste modo a cultura cotidiana dos jovens segue a passos rápidos e longos, comparado com a dos professores de sua escola (BURGOS, 2010, p.05).

Ao contrário de muitos professores, os estudantes que cursam o ensino fundamental e médio, em sua maioria, nasceram em um mundo informatizado, em que a internet já era uma realidade concreta e estabelecida. Prensky (2001) usa o termo “nativos digitais”, se referindo aos adolescentes e jovens que convivem com a internet.

A pesquisadora Maria Elisabete Brisola B. Prado aponta que em muitos casos a internet faz parte das construções cognitivas dos educandos, uma vez que eles “estão crescendo com esta tecnologia, convivendo com uma nova forma de acessar informações, de se comunicar, rompendo as fronteiras de espaço e tempo, bem como de representar o conhecimento” (2007, p. 20). Para ela seria necessário “professores e gestores perceberem que esta tecnologia poderá ser utilizada de forma integrada com as atividades pedagógicas, acrescentando suas potencialidades no processo de ensino aprendizagem” (2007, p. 21).

É importante que a escola perceba e incorpore na sua prática pedagógica determinados fatores que se relativizaram, como por exemplo, a “necessidade” de um tempo e espaço pré-definidos para o ensino e aprendizagem. Uma vez que o internauta é quem decide o momento e o local em que o acesso aos conhecimentos presentes na rede irá acontecer. No celular ou no computador, ele é livre para realizar, no instante que mais lhe convém, o acesso a diversos conteúdos, bem como a postagem de materiais audiovisuais criados por ele. Com isso, o local e o tempo tradicional destinados à aprendizagem - sala de aula e carga horária fixa – precisam ser repensados, uma vez que a imersão nos ambientes digitais marca uma nova forma de cognição e de lidar com o conhecimento.

Agora o “nativo digital” se vê como agente e produtor cultural, uma vez que posta vídeos e frases de sua própria autoria, como forma de colocar suas observações em relação a fatos que estão a sua volta, inclusive da própria escola, como foi o caso de uma adolescente, Isadora Faber, que criou no site de relacionamento *facebook*, uma comunidade intitulada *Diário de Classe*<sup>2</sup>, que mostrava problemas estruturais de sua escola.

#### **Link 4 – Celulares e ensino do teatro**

Os *smartphones* ou *iPhones* não tem a mesma característica dos celulares antigos. Ao contrário dos primeiros dispositivos que tinham basicamente duas funções, transmissão de voz e

<sup>2</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC> .Acesso em: 05 janeiro 2015.

mensagens de textos, hoje esses aparelhos oferecem uma gama de possibilidades, como por exemplo, postar, acessar e produzir conteúdos. Com isso, os celulares não são apenas um instrumento de comunicação, mas também um marco contemporâneo da identidade juvenil. Através desses dispositivos móveis, os adolescentes e jovens interagem com comunidades que se estruturam por afinidades de pensamento, criam e compartilham conteúdos que podem ser considerados visões de mundo em relação a determinado assunto.

Dai vem um dos questionamentos que lanço, rumo a esse desconhecido cotidiano - de que forma conseguiremos não nos limitarmos à reprodução de conteúdos presentes na internet, como vídeos “engraçados”, e nos lançarmos em uma experiência artística, estética e crítica?

Para as investigações práticas dessa pesquisa, optei pelo método do drama<sup>3</sup>, que consiste em investigação teatral de um pré-texto, através da criação de um contexto ficcional, definição de papéis (*roles*) para os alunos e professor e atividades dramáticas a serem exploradas. O drama é essencial para este estudo, uma vez que não se esgota em uma única improvisação, ele se desdobra em uma sequência de episódios, como nos explica a pesquisadora Beatriz Cabral, “como processo, o drama articula uma série de episódios, os quais são construídos e definidos com base em convenções teatrais criadas para possibilitar seu sequenciamento e aprofundamento” (2006, p.12). O que dá a possibilidade do desenvolvimento de investigações “virtuais” entre episódios. No intervalo que separa uma aula e outra, a investigação continua virtualmente. De sua casa, ou em uma *lan house*, os estudantes têm acesso a temas, personagens e histórias, postados pelo coordenador, e, ao mesmo tempo, postam conteúdos e criam papéis (*roles*), além de participarem de fórum de discussão, elementos esses que estabelecem uma relação direta com o pré-texto investigado, e que contribuem para o desenvolvimento e investigação do próximo encontro presencial.

Para melhor elucidar, as propostas que essa pesquisa pretende investigar, apresento alguns apontamentos do professor da *Charles Sturt University*, Prof. Dr. David Cameron, que desenvolve uma pesquisa associando o drama com recursos tecnológicos. Segundo ele, os recursos disponíveis na internet, podem contribuir de diversas maneiras para a prática do drama, ora substituindo algum elemento presencial, que o coordenador irá utilizar<sup>4</sup>: “[...] uso de uma mensagem de *e-mail* ao invés

---

<sup>3</sup>Desenvolvido na Inglaterra sob a denominação de *drama*, *drama in education* ou *process drama*. Foi difundido no Brasil, a partir do final da década de 90, por intermédio dos estudos da pesquisadora Beatriz Ângela Vieira Cabral (Biange).

<sup>4</sup> Todas as citações do Prof. Dr. David Cameron são traduções do autor desse artigo. Por isso, optei por apresentar, em notas de rodapé, o texto original em inglês.

de uma carta”<sup>5</sup> (2009, p.52). Ora, mediante a associação direta entre as duas realidades – virtual e presencial –, em que as mídias interativas presentes na internet sejam “um meio pelo qual a atividade de drama, possa ser conduzida”<sup>6</sup>, como exemplo, propõe a utilização de “um fórum de discussão [online] como sendo um meio pelo qual os participantes possam se engajar em uma atividade de teatro, além de estarem fisicamente presentes no mesmo recinto. (CAMERON, 2009, p. 52)<sup>7</sup>.

A seguir, apresento fragmentos de um processo de drama desenvolvido por David Cameron e John Carrol, descrito no artigo *Drama, digital pre-text and social media* (2009). Os professores que conduziram o processo produziram pré-textos digitais, tais como, vídeos, áudios, imagens e textos. Além disso, o tema escolhido para ser investigado enquanto pré-texto era a troca de identidades, então foi selecionado um texto de apoio *Noite de Reis* de Shakespeare e o filme *She is a Boy*.

Cabe aqui definir o que vem a ser o pré-texto em drama. Segundo Beatriz Cabral, “é o roteiro, história ou texto que fornecerá o ponto de partida para iniciar o processo dramático, e que irá funcionar como pano de fundo para orientar a seleção e identificação das atividades e situações exploradas” (2006, p. 15). Cabe ressaltar que, este não é apenas o ponto de partida para a investigação dramática, seu sentido se estende por todo o processo, introduzindo “elementos para identificar a natureza e os limites do contexto dramático e do papel dos participantes” (2006, p. 16). Ainda conforme Beatriz Cabral,

[...] a eficácia de um pré-texto em drama, enquanto processo de investigação em cena, pode ser identificado pelo acesso a intenções e papéis que ele fornece – um testamento que deverá ser lido, uma tarefa a ser cumprida, uma decisão que precisa ser tomada, um quebra-cabeça que terá de ser resolvido em tempo hábil, uma casa assombrada a ser explorada (CABRAL, 2006, p. 15).

Pensando nesses elementos, que são introduzidos por meio do pré-texto, como que algumas dessas intenções podem ser levadas para a internet, a fim de que a investigação também se dê virtualmente, por meio daquilo que David Cameron define como sendo um “pré-texto digital” (CAMERON, 2009, p. 54)<sup>8</sup> E, principalmente, qual o sentido de tal procedimento para a prática teatral? Para refletir sobre esses questionamentos me reporto ao pensamento de Cameron:

<sup>5</sup> “use of an email message rather than a letter” (CAMERON, 2009, p. 52).

<sup>6</sup> “[...] a means by which the drama activity itself can be conducted”.

<sup>7</sup> “a discussion forum as the means by which participants can engage in a drama activity beyond being physically present in the same space” (CAMERON, 2009, p. 52).

<sup>8</sup> “digital pre-text” (CAMERON, 2009, p. 54)

Pré-textos digitais são fundamentados em materiais produzidos como facilitadores do drama, tais como, texto digital, imagens, áudio e vídeo. Algumas formas contemporâneas para este conteúdo incluem *blogs* (que podem ser de mídia mista), compartilhamento de marcações de imagem, *podcasts* de vídeo e áudio, mídia reforçada por instalações de redes sociais em aplicativos tais como, *Facebook*, *Bebo* e *Myspace*, e ferramentas específicas de mídia móvel, tais como, *Short Message Service* (SMS). Estes espaços digitais já são lugares de construção de significados e produção de identidade (Carroll 2002a; Stern 2008) para pessoas jovens. (CAMERON, 2009, p. 296)<sup>9</sup>.

Outro aspecto, que diz respeito ao pré-texto, são os desdobramentos do mesmo durante o processo de drama, ou seja, os conteúdos, as convenções dramáticas, o contexto ficcional, as tensões e os papéis assumidos pelos participantes e pelo coordenador. Pensando nesses desdobramentos, o experimento realizado por Carroll e Cameron, contou com SMS que os condutores do processo enviavam para os participantes, estudantes de uma escola pública na Austrália. Bem como a criação de perfil no site *Bebo*, para o personagem Andrew, que se constituiu em figura chave no desenrolar das atividades. E da relação entre alguns elementos presentes na internet e determinadas convenções dramáticas, propostas por Jonathan Neelands e Tony Goode (2000), entre elas: Conversas Ouvidas; Diários, cartas, jornais, mensagens; Objetos do personagem (ou propriedade privada); *Still-image*; e Materiais inacabados.

O drama começou com os professores convidando a classe a analisar algumas fotos tiradas de telefones celulares de uma turma que possuía certas características similares a deles. Logo em seguida um participante recebeu a seguinte mensagem no seu celular:

*Andrew acha que sou eu, mas não sou, nós apenas somos parecidos. Ces*<sup>10</sup>.

A partir de então foram desenvolvidas várias atividades, que propiciaram o engajamento da turma em relação ao contexto ficcional criado. Ninguém sabia quem era Ces, a personagem que Andrew perseguia. Uma mensagem ameaçadora, escrita no perfil do Andrew na rede social *Bebo*, convidava outra personagem Olivia a encontrar com ele no portão da escola, para resolverem a

<sup>9</sup> “Digital pre-texts are based on facilitator-produced drama source material such as digital text, images, audio and video. Some contemporary forms for this content include blogs (which may be mixed media), shared image tagging, video and audio podcasts, media enhanced by social networking facilities in applications such as *Facebook*, *Message* and *Myspace*, and mobile media-specific tools such as Short Message Service (SMS). These digital spaces are already places of meaning making and identity production (Carroll 2002a; Stern 2008) for young people” (CAMERON, 2009, p. 296).

<sup>10</sup> “Andrew thinks it’s me, but it’s not, we just look alike. Ces”.(CAMERON, 2009, p. 301).

situação. Logo em seguida, o coordenador propôs que a classe escrevesse uma mensagem, como sendo a resposta de Olivia para Andrew. E assim o processo de drama se desenvolveu<sup>11</sup>.

Entre os resultados obtidos com o processo, Cameron e Carroll apontam a natureza colaborativa dessas formas de mídias sociais e a criação de diversas possibilidades para o drama. Segundo os pesquisadores, essas formas relacionadas com a internet permitiram um deslocamento temporal e de espaços cênicos que não seriam facilmente atingidos de outras maneiras, se pensarmos em uma aula de cinquenta minutos. Outro ponto que merece destaque foi a abordagem e problematização, em determinados momentos do processo, de questões envolvendo a utilização de mídias móveis pelos adolescentes: privacidade, segurança e comportamento dos jovens. Além disso, segundo os autores a análise do engajamento digital, por parte dos estudantes, ajudou a “[...] fornecer informações e ampliar a compreensão dos pesquisadores sobre o uso de materiais digitais de aprendizagem dentro de um contexto de sala de aula”<sup>12</sup> (CAMERON, 2009, p. 301).

### **Link 5 – Considerações finais**

Pensar a relação ensino do teatro e comunicação, aqui estabelecida pela utilização de uma mídia digital móvel que permite conexões com a internet, é pensar no uso dos celulares não como um objeto de consumo, mas enquanto agente de comunicação e difusão de uma produção artística juvenil. Um dispositivo que possa ser utilizado em espaço educacional como uma forma de nutrir experimentos criativos, estabelecendo conexões diretas com os mesmos, e não apenas como uma ferramenta de busca de informações.

Além disso, espera-se que com tal assimilação, o professor possa estabelecer aproximações com os conteúdos e “acessos” dos jovens, o que poderá lançar possibilidades de diálogos poéticos para com os mesmos, e que olhares criativos e éticos possam ser estabelecidos. O professor de teatro pode, juntamente com os estudantes, descobrir novas formas de assimilação e resignificação

---

<sup>11</sup>Não relatarei o processo, pois isso demandaria um espaço que iria além dos limites desse artigo. Mas se alguém tiver interesse em conhecê-lo, indico a leitura do artigo *Drama, digital pre-text and social media* de John Carrol and David Cameron, que se encontra na revista *RIDE: The Journal of Applied Theatre and Performance*. Vol. 14, n 2, may 2009, 295-312.

<sup>12</sup> “digital engagement has been examined to provide insight and broaden the researchers’ understanding of the use of digital learning materials within a classroom context” (CAMERON, 2009, p. 52).

do *ciberespaço*, enriquecendo a prática pedagógica, por meio da multiplicidade de conteúdos, propiciando, com isso, novas possibilidades de investigações teatrais, tendo foco nos aspectos artísticos, estético e éticos da experiência.

## Referências

BURGOS, Taciana; SENA, Diana. O computador e o telefone celular no processo ensino-aprendizagem da educação física escolar. In: **Anais Eletrônico do 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologia na Educação: redes sociais e aprendizagem**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Editora Hucitec: Edições Madacarú, 2006. (Pedagogia do Teatro).

CAMERON, David. Mashup: digital media and drama conventions. In: ANDERSON, Michael; CARROLL, John; CAMERON; David. **Drama Education with Digital Technology**. London: Continuum, 2009.

\_\_\_\_\_ ; CARROLL, John. Drama, digital pre-text and social media. In: **RIDE: The Journal of Applied Theatre and Performance**. Vol. 14, n 2, may 2009.

NEELANDS, Jonothan. **Structuring Drama Work**. Cambridge University Press, 1992.

PRADO, Maria Elisabete Brisola Brito; ROZO, Rosângela Tortora. Projetos informatizados: novas possibilidades de aprendizagem. In: CARNEVALE, Ubirajara (Org.) **Tecnologia educacional e aprendizagem**. São Paulo: Livro Pronto, 2007.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. In: **On the Horizon** (MCB University Press), Vol. 9 No. 5, October 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003b.

VIANA, Maria Aparecida Pereira. Internet na educação: novas formas de aprender, necessidades e competências no fazer pedagógico. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (Org.). **Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação**. Maceió: EDUFAL, 2004.

Recebido em 21/02/2015  
Aprovado em 25/05/2015  
Publicado em 26/08/2015

